

★ A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODAS AS REVISTAS FEMININAS PORTUGUEAS ★

O CARNAVAL E AS CRIANÇAS



Crianças mascaradas, na *matinée* do Royal Cine

DESDE que se começou a empreender a civilização do nosso Carnaval, do genuíno Carnaval português, com as suas liberdades, porcarias e desmandos, abolindo velhos hábitos perniciosos e condenáveis, começou a sua agonia, e tem vindo, de ano para ano, exibindo a sua fraqueza e a sua inutilidade.

O Carnaval — e só queremos aqui referir-nos ao Carnaval alfacinha — era positivamente só nosso, familiar, para brincarmos (?) uns com os outros, empulhando-nos, enfarinhando-nos, bisnagando-nos, sem outro intuito que não fôsse êsse, durante a quadra foliona.

Não olhámos nunca com olhos de vêr para os grandiosos cortejos carnavalescos de Nice, nem para os que, no Rio de Janeiro e outras cidades do Brazil, levam um ano a preparar para se tornarem cada vez melhores e mais atraentes, de forma a constituírem proveitoso chamariz de gente de fóra que vindo para se divertir, deixa nessas cidades muitos milhares de libras.

Era lógico, portanto, que desde que nos não deixavam divertir



Na *matinée* da Sociedade de Belas Artes

à nossa moda, diminuísse a animação nas ruas e nos recintos públicos, e a caravana dos *ché-chés*, dos *sal-sas*, dos *galegos*, das *cégadas*, por vezes pornográficas, recolhesse a bastidores, atorrecida e envergonhada.

Restava o recurso para os grandes cortejos alegóricos, para as mascaradas espectaculosas, para as paradas na nossa lindíssima Avenida, onde criaturas de espírito e bom gosto viessem dar provas de espírito e originalidade. Algumas tentativas feitas nêsse sentido fracassaram. A grande maioria do público não lhes compreendeu o alcance salutar e proveitoso e assistia aos *corsos* com curiosidade igual à de quem assiste a uma passagem de trapos ou a um enterro. A onda da assistência apenas se movimentava à passagem de um ou outro carro de onde caíam algumas dúzias de rebuçados, de *bon-bons* ou de reclamos, para os apanhar e levar para a família.



Na *matinée* do Av...

Graça, espírito, alegria, quando foi que apreceram, contendo, e brilhando para pres... e brilho n... do acto?

Ficaram apenas crianças — estas mesmas — vez sacrificadas à vaidade do... nista dos pais — a dar a nota viva e graciosa da quadra carnavalesca.

As suas figurinhas gentís, encantadoras reduções de tipos e costumes, inconscientes caricaturas, não raro sangrentas, põem no seu passeio pelas ruas, nos bailes próprios onde as levam, um toque de alegria, que provoca um sorriso e, às vezes, um beijo.

E é só isto o Carnaval de hoje. O de amanhã que será...

O PINTASILGO CEGO

N AQUELA casa triste; onde a avó e a neta viviam, todo o dia se ouvia cântar!

Os trinados do pintasilgo cego acompanhavam a labuta da velhinha e da rapariga, que sempre puxava pela agulha, numa azáfama.

Com que alegria infantil ela trouxera, há anos, para casa, a pobre avesinha, que encontrara, caída do ninho, junto duma árvore.

Aquêle *cul-cul* estridente como a pedir misericórdia, aquelas asinhas, ainda implumes que se agitavam, impotentes para voar, encheram de piedade o coração da criança.

Amorosamente, levantou-a do chão, e, como a cabeça do animalzinho se movia num movimento desordenado, reparou então que êle era cego!

Os seus olhos baços não se fixavam em coisa alguma, e o seu biquinho entreaberto parecia procurar a luz que lhe faltava.

Fôra certamente devido à cegueira que o pobresinho resvalára do ninho.

Com que carinhos a pequena lhe arranjava uma caminha de palha dentro duma gaiola; com que ternura lhe metera, pelo bico sôfrego, galhas de pão amolecido em água!

Para a Antoninha que vivia também numa casa em dois cacifos numa água furtada, artística, a saltar, nem correr, porque intenção, de luxuriosos, foi um divertimento no *pano branco*, desesperado! As vidas que vivem um gesto de piedosa ter-outra vida fôra dos *hã* agora aquela mansarda de luz branca de do seu canto.

Rainhas, escravado tempo a avesinha, apesar rosas, favoritas da-se muito viva, graciosa, e in-parigas sofrendo de compreender perfeitamente infantil da sua amiguinha, que hieráticas de as e horas acarinhando-a e amiversas e capa

maiores baixe, a Antoninha começou a aprender a dançar com uma vizinha, depois a receber visitas e assim ia já ajudando a avó, no seu trabalho.

Is nunca se esquecia do companheiro, que o lhe suavizava a vida.

Levia a gaiola para perto de si, e, enquanto estava, entretinha-se a ouvi-lo cantar, e a falar com a avesinha, que parecia entendê-la.

Na velhinha se afeiçoára muito ao pintasilgo que assim trouxera felicidade a outros infelizes.

Com a morte da mãe — uma cabeça louca! — de amar, a Antoninha viera para a companhia da avó. A vida pr muito cheinha de desgostos com a vida. O estúrdia da filha, a velhinha recebeu a criança com o coração angustiado.

No fim da sua vida atribulada, que mais lhe estaria reservado?

Mas, à vista da pobre inocentinha que, insciente, lhe estendia os bracitos, enterneceu. a avó achou ainda forças para viver, pois a neta mais ninguém tinha no mundo! — Nto dela a pequena foi crescendo, e aque-



las duas traquezas ampararam-se uma à outra.

Ia a pequena nos seus desasseis anos quando a avó começou a estranhá-la.

As tardinhas, de volta da loja onde ia entregar obra, vinha outra!

Excitada, queixava-se amargamente da sua vida aperedada e triste!

Todas as outras raparigas saiam à noite, iam aos cinemas, aos teatros, só ela para ali vivia entre quatro paredes!

E, com a cabeça encostada aos vidros da janela, Antoninha olhava, cheia de tristeza, para as luzes que, lá em baixo, iluminavam a cidade, desconhecida para ela áquela hora!

A pobre velhinha, numa angústia, lembrava-se da filha, que naquêle enervamento começara um dia, e que mais tarde, pela sua leviandade, tanto sofrera!

Por uma coincidência estranha também o pintasilgo, que tão alegremente cantava, e fôre sempre tão manso, andava agora numa contínua agitação.

Atirava-se contra os arames da gaiola, e passava horas inteiras a piar num queixume lamentoso.

Certa tardinha, antes de sair, a rapariga deixou a gaiola sobre o parapeito da janela, para que o seu amiguinho apanhasse o sol daquêle abril tão quente.

O passarito, nêsse dia, ainda mais inquieto, tanto forçou os arames tanto bateu com a cabecita contra êles, que, por fim, um mais ferugento cedeu, e, com o bico a escorrer sangue, o pintasilgo conseguiu sair cá para fôra.

Sentindo onde pousar, ficou no parapeito da janela, batendo as asitas como assustado.

Assim esteve uns minutos, depois voltou a cabecita para dentro, e os seus pobres olhinhos sem luz pareceram despedir-se do que deixavam.

Logo, abriu as asas, ainda esvoaçou às cegas pelo telhado, finalmente, num movimento decisivo, desapareceu no azul do céu.

A Antoninha, ao chorar o seu amiguinho, dizia, numa desolação:

— Era cego e quiz fugir! E há quem veja a beleza do mundo e não a pode gosar!

Entre lágrimas, a velhinha, murmurava:

— Pobre avesinha, que assim às cegas te vais perder nêsse mundo de que ignoras a maldade!

Isto mesmo repetia a desventurada, quando, daí a tempos, a neta, num desvario, a abandonou, batendo também as asas, às cegas, através do vasto mundo, que a tentava para a perder!

Virginia Lopes de Mendonça

*Escreveu
Maurina*

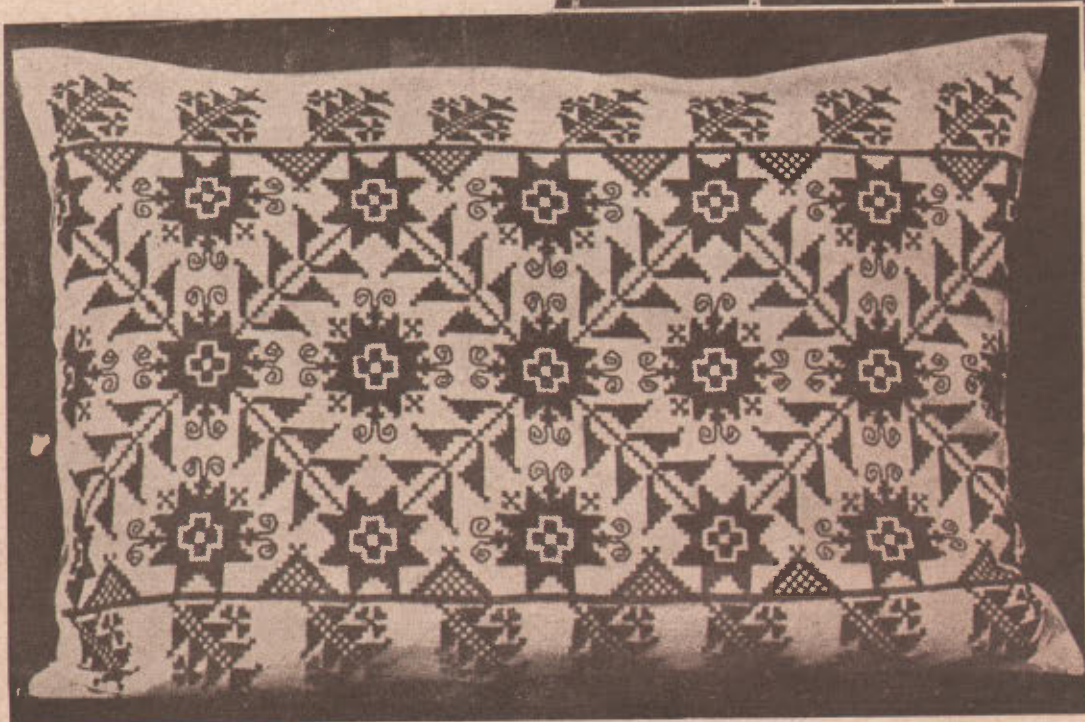
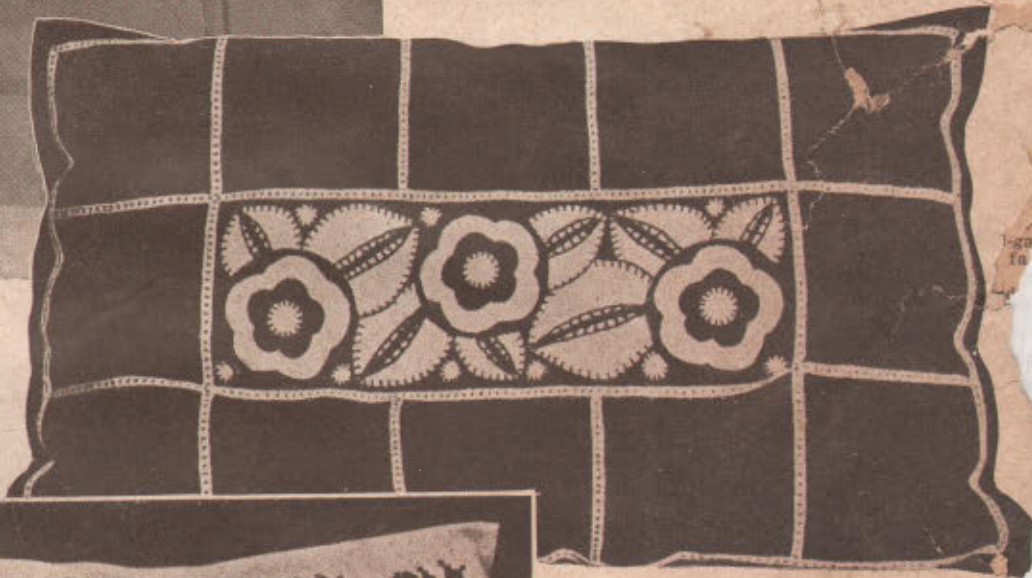


Peço o favor de me dizer se a *Eva* se encarrega de me enviar pelo correio uma cara de boneca em loiça para almofada, pois partiu-se-me uma que tinha em grande estimação e aqui perto não consigo arranjar igual. — *Uma sonhadora* — Portimão.

Resposta — Apesar de a *Eva* não ter ainda completamente organizado o serviço de compras por encomenda, podemos desde já enviar o que V. Ex.^a deseja, no entanto temos a franqueza de lhe confessar que o fazemos cheias de pena, à parte o prazer de agradar a V. Ex.^a... Pena, por sabermos que contamos no número das nossas leitoras, uma, (e quem sabe quantas mais) que possuem carinhosamente tão horríveis almofadas com cara de loiça.

Insistimos em que é preciso acabar com as bafientas salas onde as visitas de cerimónia são recebidas com falta de comodidade e sem conforto. É vulgar numa

Ao alto da página, três horríveis almofadas que contrastam vivamente com a simplicidade e beleza das duas de baixo



sala colocar sobre o móvel de mais importância, o chamado *sofá*, de assento, to, levemente estofado e espaldar li uma ou duas almofadas qual delas se nos convidativa a alguém se pe. Acontece mesmo às vezes a dona e aciosa dos seus belos trabalhos afastá-las disfarçadamente antes que sita ouse encostar-se ao de leve. Gra veludo, em aplicação, com meia col tural, olhos imitação de natural, ta tural e guizo naturalíssima, são vu em almofadas. Pretas com rosto oval, de vidro, contas de vidro; brincos de e carapinha de lã, veem-se também m

Horrores, verdadeiros horrores, que zem fugir, que afastam, que repe Como fazer compreender a algumas nossas queridas leitoras que o fim da mofadas numa sala é positivamente contrário — chamar, atrair, tornar fortável, cómodo, repousante? Não, também ao exagêro de certas pess

(Continua na página 2)